

O tempo de não trabalho em assentamento do MST

CHARÃO, Carine Marques¹; Leães Filho, Wenceslau Virgílio²

Resumo

Compreender por meio da relação entre trabalho e tempo de não trabalho, o que os Sem Terra fazem no seu tempo de não trabalho, constituiu-se o objetivo deste estudo. A discussão envolve um assentamento agroecológico e coletivo no município de Santa Maria, onde convivemos na realização das entrevistas e observações, que serviram como aportes para o estudo. Embora não existam conclusões fechadas a respeito do tema focado na pesquisa, procuramos expor algumas considerações, para que o Movimento possa encaminhar as questões que envolvem o tempo de não trabalho, já que não tem conseguido sistematizá-las na prática social. Os assentados demonstraram que sentem necessidade de discutir, mas encontraram dificuldades e pararam nelas. Acreditamos na formação constante que já vem sendo feita por parte do MST, por isso afirmamos, também, que é preciso publicar o que já existe e está sendo feito. Na visão de projeto de uma outra ordem social, uma nova sociedade, socialista como defende o MST, há que se superar as situações de exclusão, preconceitos e diferenças de oportunidades entre homens e mulheres, dentro do movimento e que já foram superadas várias dessas barreiras. Agora é preciso também discutir como isso acontece em relação a apropriação do tempo livre no tempo de não trabalho. É preciso perceber que tempo de não trabalho é tão importante quanto o tempo de trabalho na organização dos tempo e espaços sociais dos assentamentos.

Palavras Chave: Tempo de não trabalho, trabalho, movimento social

Keywords: Non-working time, working, landless workers movement

O estudo buscou compreender, por meio da relação entre trabalho e tempo de não trabalho³, o que os Sem Terra⁴ fazem no seu tempo de não trabalho. Pesquisamos o tempo de não trabalho do Movimento Social, por acreditarmos que é possível haver uma perspectiva de trabalho muito particular, que deve se aproximar do trabalho concreto. É justamente a relação entre o trabalho concreto e o que os Sem Terra fazem em seu tempo de não trabalho que constitui a problemática do estudo.

Tal problemática faz parte de uma totalidade mais ampla, que se construiu ao longo da história e formou: as relações de trabalho na produção material da existência humana; a utilização do tempo nesse processo; o modo de organização da sociedade e a constituição de um dos maiores movimentos sociais do nosso tempo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. A busca da compreensão entre tempo de não trabalho e trabalho foi efetuada via análise das entrevistas realizadas com os trabalhadores do assentamento Carlos Marighella em Santa Maria, onde convivemos por quatro dias.

A relevância social deste estudo está firmada no desvendamento da realidade concreta a cerca das relações entre tempo de não trabalho e Movimento social. A partir daí, procuraremos construir um conhecimento capaz de ser instrumento de luta e de mudança, já que o Movimento

¹ Professora da rede estadual de ensino em Júlio de Castilhos na E.E.E.F. Joaquim José da Silva Xavier

² Professor Assistente do CEFD UFSM, orientador do trabalho

³ A utilização do termo tempo de não trabalho no estudo remete a compreensão de que o tempo de não trabalho tem um sentido mais amplo do que tempo livre, lazer ou ócio, os quais estão dentro do tempo de não trabalho, mas cada um com um sentido.

⁴ O MST nunca utilizou em seu nome nem o hífen, nem o s, o que historicamente acabou produzindo um nome próprio, *Sem Terra*, que é também sinal de uma identidade construída com autonomia. O uso social do nome já alterou a norma referente à flexão de número, sendo hoje já consagrada a expressão os *sem-terra*. Quanto ao hífen, fica como distintivo da relação entre esta identidade coletiva de trabalhadores e trabalhadoras da terra e o Movimento que a transformou em nome próprio, e a projeta para além de si mesma¹.

possui uma agenda de pesquisa² elaborada no coletivo, a fim de que mais de uma pessoa pesquise no mesmo eixo temático, que dá conta de questões prioritárias ao avanço do Movimento. Nessa agenda, encontramos em duas áreas de concentração: *Educação e Formação* e *Desenvolvimento Humano*, eixos temáticos que contemplam o lazer.

Nos materiais publicados pelo Movimento aos quais tivemos acesso, poucas são as referências ao tempo de não trabalho, tempo livre ou de lazer, assim denominados e delimitados. Entretanto, tem sido uma das bandeiras de luta do Movimento romper também a cerca que impede o acesso ao saber socialmente elaborado e historicamente produzido.

Dessa forma, encontramos referências que manifestam a cultura³ de uma maneira geral e englobam uma variedade de ações que poderíamos considerar do não trabalho, mas que nunca se desligam de uma visão de projeto. Cabe dizer que compreendemos a cultura como uma dimensão dos processos de formação de novos sujeitos sociais, como parte de determinadas formas históricas da luta de classes⁴.

A presente pesquisa compreende a discussão sobre tempo de não trabalho e toma como modelo um assentamento agroecológico e coletivo na cidade de Santa Maria, onde convivemos durante a realização das entrevistas e observações, que serviram como aportes para este estudo. É importante salientar que, especificamente, nos temas lazer ou tempo livre não encontramos referências isoladas desse contexto sociocultural, nem encontramos conhecimentos mais sistematizados. Nossa intenção não é compreender tais temas de forma "isolada", mesmo tendo consciência das limitações deste estudo, que é apenas o início de uma reflexão sobre o tema; nossa intenção se volta para que a produção do conhecimento, aqui sistematizado, seja ponto de partida para novos estudos e de práticas sociais transformadoras.

A escolha do assentamento

A opção por observar e entrevistar os trabalhadores de um assentamento coletivo e agroecológico do município de Santa Maria para compreender o tem torna-se a materialização da intenção de que este estudo possa contribuir para os interesses do movimento, uma vez que esse assentamento trata as questões da agroecologia também como uma forma de resistência ao modo capitalista de ver a agricultura e a organização social do trabalho dentro do assentamento.

É pertinente salientar que esta proposta de estudo não foi construída com os assentados, partiu do interesse da pesquisadora, entretanto, foi exposta em assembléia do assentamento as intenções do trabalho. Posteriormente, nos encaminhamos à organização do trabalho de campo, na qual fomos recebidos por uma das famílias em sua casa, por quatro dias.

O trabalho de campo no campo

No trabalho de campo, tivemos o cuidado de agendar as entrevistas com os assentados e assentadas, para que não prejudicássemos o andamento dos seus trabalhos. Era do conhecimento de todos a nossa presença, a nossa proposta do estudo e a maneira como selecionaríamos as pessoas para a entrevista, isto é, de maneira aleatória e por meio de conversas informais.

Nos momentos em que todas as pessoas encontravam-se trabalhando, ou nos em que não era possível realizar as entrevistas, fazíamos observações de campo, convivíamos com as pessoas, fazíamos juntamente as refeições e participávamos dos espaços de discussão como o da assembléia à noite.

Todas as entrevistas foram gravadas, com o consentimento, em fita k7, totalizando mais de seis horas de gravação. Tínhamos como meta gravar o maior número possível de entrevistas, até

que as informações obtidas começassem a se tornar repetitivas. Antes mesmo de obtermos as quatorze entrevistas com oito homens e seis mulheres, já percebemos que muitas informações se repetiam; mesmo assim, continuamos a realizá-las, pois também fomos questionados, eles queriam saber porque alguns não tinham sido entrevistados.

Embora a entrevista fosse semi-estruturada em questões, procuramos estabelecê-la por intermédio de diálogos, para que pudéssemos resgatar a história de cada assentado e assentada com o MST e, também, ouvir as outras categorias em estudo. As entrevistas selecionadas para compor os anexos da monografia foram àquelas mais utilizadas como referências ao longo do estudo.

A história de vida de cada um, a forma como se engajou no Movimento, sua trajetória, até ser assentado e assentada no Carlos Marighella, quais fatores foram determinantes nesse processo. Buscávamos, nos diálogos nos posicionar em relação à história de vida. Quando tal história nos levava a identificar formas diferenciadas de trabalho, solicitávamos ao entrevistado que falasse mais sobre suas experiências.

Procurávamos questionar, no primeiro momento, como o assentado identificava as diferenças, as satisfações de suas necessidades, como se sentia atualmente, entre outras questões; nos seguintes, perguntávamos pela questão do tempo de não trabalho, sempre de uma maneira que nos levasse a identificar e apreender o posicionamento do entrevistado nessas questões pertinentes ao estudo.

Este trabalho de campo nos aproximou do objeto de estudo e permitiu contextualizar as questões referentes à pesquisa.

O trabalho: dimensão abstrata e dimensão concreta

"... Buscarei argumentar que a contradição entre o trabalho social, criador de valores de uso – condição da produção e reprodução da existência humana e eterna necessidade natural (Marx) e as relações sociais de produção radicaliza-se no capitalismo tardio e ampliam-se a alienação e o trabalho supérfluo e fantasmagórico⁵".

Afirmamos acima que há determinadas formas de entender a realidade que desconsideram o trabalho em suas análises. Isto é observado por Antunes⁶, este autor entende que, sem essa distinção entre as duas dimensões, "quando se diz adeus ao trabalho, comete-se um forte equívoco analítico, pois se considera de maneira uma um fenômeno que tem dupla dimensão" (p. 85).

Disso decorre que a crise do trabalho se refere ao trabalho abstrato, ao trabalho mercantil, que é estranho ao trabalhador, pois produz valores de troca, caracterizado por uma atividade genérico-social que transcende a vida cotidiana. Nas palavras de Marx⁷, o trabalho alienado inverte a relação, uma vez que o homem, enquanto ser lúcido, transforma a sua atividade vital, o seu ser, em simples meio da sua existência. O autor ainda afirma que o trabalho alienado: "transforma a vida genérica do homem e também a caracteriza enquanto sua propriedade genérica espiritual, em ser estranho, em meio da sua existência individual. Aliena do homem o próprio corpo, assim como a característica externa, a sua vida intelectual, a vida humana" (p. 117). O autor ressalta que a apropriação do produto do trabalho não é do trabalhador, mas de um estranho, que detém a posse da propriedade privada.

A outra dimensão do trabalho, denominada concreta, se opõe a dimensão abstrata, à medida que produz: valores de uso, socialmente úteis; forma de intercâmbio entre o ser social e a natureza e autotransforma o seu próprio criador. Lembramos aqui que imaginar uma sociedade sem trabalho é declarar a derrota de uma classe oprimida que continuará a trabalhar para que

outros não trabalhem.

A civilização greco-romana valorizava o ócio, que só era possível pela exploração do trabalho escravo. Como nos recorda Saviani, o fato de uma parte dos homens se apropriar privadamente da terra dá a eles a condição de poder sobreviver sem trabalhar. Com efeito, os não proprietários que trabalham a terra assumem o encargo de manter a si próprios e aos senhores. Nesse sentido, surge uma classe ociosa, ou seja, que não precisa trabalhar para viver, ela vive do trabalho alheio (p. 968)⁸.

Assegura⁶ que o trabalho jamais poderá ser confundido como o momento único ou totalizante, ao contrário; estamos procurando explicitar que a esfera do trabalho concreto é ponto de partida para instaurar-se uma nova sociedade. Isso não significa dizer, como prega a moral cristã e econômica, que esse deve ser o ideal de vida do trabalhador ou libertação para os seus pecados.

Fizemos a observação do trabalho no Movimento Sem Terra, no assentamento e questionamos como o trabalho é visto pelos trabalhadores assentados, procurando estabelecer uma reflexão sobre as dimensões do trabalho, já que encontramos, no Movimento, uma luta pela superação da propriedade privada e também pela prática de novas relações/dimensões de trabalho, dois fatores que servem de instrumentos na busca de uma nova sociedade.

O trabalho no/do MST

Nos textos publicados pelo Movimento Sem Terra, o trabalho aparece como um dos valores do Movimento, juntamente com outros elencados como terra, terra e raiz, luta, trabalho, embelezamento, cultura, vida, bandeira do MST, estudo, solidariedade, participação, ser Sem Terra. Segundo o próprio texto publicado pelo setor de Educação do MST: "Através do trabalho, produzimos o pão nosso de cada dia. É na produção social da nossa vida que nos transformamos. A luta pela reforma agrária nos ajuda a entender que o trabalho gera vida. Ele produz alimentos e riquezas. Através do trabalho, forjamos novas relações com nossa família, com o ambiente e com a sociedade⁹" p. 13.

Dessa citação, destacamos a frase: "É na produção social da nossa vida que nos transformamos", visto que ela nos traz a idéia de produção de bens socialmente úteis, nos faz entender que essa produção gera vida; conforme sustentou Marx e, atualmente, Antunes, o autor transforma o criador, o que fica evidenciado no final da frase.

Na concepção de educação defendida pelo MST, o trabalho aparece permeando todas as propostas de ações. É possível destacar algumas delas: educação para o trabalho e a cooperação onde se necessita de uma formação intencionalmente voltada para a cultura da cooperação e para a incorporação criativa das lições da história da organização coletiva do trabalho¹⁰.

Nesse sentido, aliada a visão de trabalho do MST destacam-se: a cooperação que tem como objetivo uma nova formação do ser social; e a produção que ainda é uma maneira de organização da produção por meio da divisão social do trabalho¹¹. Daí surge, a organização dos setores de produção e dos núcleos de base e também, todas as outras ações construídas no assentamento. De acordo com o mesmo autor, existem razões econômicas, sociais e políticas para o estímulo da cooperação, nos assentamentos, como forma de organização social do trabalho.

Em outro caderno do MST¹⁰ que procura destacar esses princípios pedagógicos, encontramos uma citação que se refere à escola e à necessidade de preparação igual para o

trabalho manual e intelectual. A citação prega que pegar na enxada vale tanto quanto pegar na caneta, é falso achar que o trabalhador intelectual vale mais do que o trabalhador manual, para reverter tal idéia a escola deverá educar para ambos os tipos de trabalhos de forma igual.

O processo de consciência em relação à exploração do trabalhador, que ocorre no trabalho abstrato, também tem de ser um dos objetivos da escola do Movimento. Aquilo que Marx definiu como mais valia em relação ao trabalho e à produção. Para isso, a escola deverá mostrar a realidade do povo trabalhador, da roça e da cidade. Mostrar o porquê de toda exploração, o sofrimento e a miséria da maioria. Mostrar o porquê do enriquecimento de alguns. Mostrar o caminho de como transformar a sociedade.

A educação para o trabalho e pelo trabalho também se encontra dentro dos princípios educativos, expressando como já afirmamos anteriormente, o trabalho como um valor. É o trabalho que gera a riqueza; que nos identifica enquanto classe; e que é capaz de construir novas relações sociais e também novas consciências, tanto coletivas como pessoais¹².

Ainda sobre educar para o trabalho e pelo trabalho a proposta do MST considera que as crianças também devem, além de estudar, trabalhar. Isso não significa um trabalho nos parâmetros do mundo adulto. "Não é exigido produtividade equivalente ao trabalho dos adultos¹³", mas que a criança também aprenda com os pais e seja, assim, inserida dentro daquela cultura, participando e entendendo os espaços sociais.

Conforme encontramos em texto produzido pelo Movimento, é preciso "tornar mais educativo o trabalho que nossos estudantes já exercem nos acampamentos, nos assentamentos ou em outras instâncias da organização, do ponto de vista técnico, mas também do ponto de vista da superação das relações de exploração e de dominação¹³".

Entender o que é o trabalho, de qual trabalho está se falando; como vivenciar, na prática, a educação desse trabalho, procurando além da formação humana, uma prática social que possa transformar esse mesmo trabalho, são alguns dos objetivos da educação e do trabalho dentro do Movimento.

Uma citação, na entrevista, demonstra que existe também uma preocupação com a formação, que vai ao encontro das questões do trabalho e até da própria maneira de organização dos assentamentos em lotes ou de maneira coletiva. Como afirma a Assentada n. 02, "... não optamos por ir pra Viamão, porque tinha lote vago, não quisemos ir, que ia ser mais pra trabalhar individual mesmo, daí seria a negação de tudo o que a gente tinha estudado e trabalhado, sempre aquela coisa, daí enfim a gente veio pra cá".

A concepção de trabalho dos assentados

Como já foi exposto no capítulo anterior, a respeito da concepção de trabalho no/do MST, tentaremos, neste capítulo, fazer uma análise das entrevistas que foram feitas no trabalho de campo a respeito dessa categoria do estudo. Alguns dos pontos que iremos destacar já foram apresentados, entretanto queremos reafirma-los a partir do que foi dito na entrevista.

Alguns assentados narram experiências vividas nas duas dimensões de trabalho abstrato e concreto; outros narram apenas a vivência do trabalho concreto; contudo o ponto comum, nesse aspecto, surge da afirmativa de que preferem e querem permanecer trabalhando como se encontram atualmente.

Um dos pontos fundamentais para habitar, hoje, no assentamento agroecológico Carlos Marighella é querer trabalhar de acordo com a proposta do assentamento. Vale ressaltar uma parte do grupo que hoje é assentada, esteve nas primeiras discussões, a cerca da proposta que hoje constitui a organização do assentamento, isto é, quando ainda era acampamento. Em função

disso, as pessoas que foram compondo mais tarde o assentamento, tinham de ser avaliadas no coletivo de uma assembléia, do mesmo modo ocorria com a pessoa que queria fazer parte do assentamento, ela necessitava de uma avaliação do assentamento. Muitas vezes, acontecia a indicação da pessoa ou da família para vir para o assentamento.

A respeito do que é o trabalho na vida desses sujeitos da pesquisa, destacamos algumas passagens das entrevistas para expor o pensamento desses militantes. O trabalho no cotidiano, inseparável do ser social é o que queremos dar ênfase nesse ponto.

Como foi identificado por Marx, depois por Lukács, ao afirmar que a gênese do ser social, sua separação ante à sua própria base originária e também o seu vir-a-ser, estão fundadas no trabalho, isto é na continua realização de posições teleológicas¹⁴.

É predominante a posição dos trabalhadores nesse sentido, o trabalho torna-se inseparável do ser social, porque sempre fez parte da sua vida. Como afirma a Assentada n. 01, quarenta e nove anos, "eu gosto desse tipo assim de luta, porque eu, desde os oito anos eu trabalho, sou de uma família grande, pobre, lá do interior de Bagé e a gente foi criada com o maior sacrifício, Graças a Deus a gente nunca passou fome, porque meu pai era trabalhador".

Esse valor do trabalho tanto é parte da história e da construção de cada ser social dentro do Movimento, que é reafirmado:

Eu acho que o trabalho na vida de uma pessoa, eu vou falar, assim, em relação a quem cresceu trabalhando, porque eu trabalhei desde criança, que eu me lembro desde que me conheço por gente, é dando água pra boi, tirando leite, tratando bicho, essa relação mais de descascar mandioca, esse era o serviço das crianças e eu me lembro que eu sempre trabalhei, na verdade todas as crianças da agricultura trabalham, não é um trabalho explorado, mas é um trabalho que contribui para os pais e eu acho que o trabalho faz parte da formação do caráter da pessoa a partir de onde tu convive, e é o que ocupa o teu tempo pra ti te denominar, ou a pessoa disciplinada, ética, de valores que, valores pessoais de solidariedade, cooperação e tal, ou você, o trabalho te educa para um outro lado e ai, pra mim, na minha vida, o trabalho teve essa educação de contribuir com outra pessoa de convivência mais afetiva (Assentada n. 06, 21 anos).

Nessas citações, podemos perceber que o trabalho é parte da vida de cada um desde a infância; portanto, parte da formação de cada um. Essa experiência de trabalho que faz parte da vida e do cotidiano deles, é inseparável do modo de ser dos assentados. Eles entendem que o trabalho, possibilita a satisfação das necessidades e gera o desenvolvimento das demais esferas de atividades humanas.

Seguindo o princípio de que o trabalho produz o que é necessário a vida, destacamos a fala da Assentada n. 01, quarenta e nove anos, "Ah, sem trabalho não dá, eu acredito que não existe". Neste dizer, ela reforça a idéia de que o trabalho produz a existência do ser social. Numa sociedade de classes, a apropriação do produto do trabalho por uma minoria permite que somente essa minoria não trabalhe e, conseqüentemente, que a maioria que produz não tenha acesso ao saber, ou que o acesso se dê de maneira precária.

O trabalho como necessário à sobrevivência tem destaque nas entrevistas, conforme o Assentado n. 04, quarenta e quatro anos, "O trabalho, eu acho que sem trabalhar não tem como viver, trabalho é vida, é a dignidade das pessoas". Por meio do trabalho, é possível a existência; portanto, a sobrevivência. O trabalho deve suprir as necessidades do ser social, como podemos

observar na afirmação do Assentado n. 07, trinta e dois anos, "eu sempre tive uma avaliação do trabalho na minha vida, que ele tinha que suprir as minha necessidades, mas não de, isso que eu já falei antes de, não numa visão capitalista, de ter dinheiro, de ser empregado, de ter muita coisa assim, dinheiro principalmente, mas de suprir algumas necessidades tanto alimentar como as coisas de vestuário, lazer".

Na questão da sobrevivência e dos meios necessários à vida, o mesmo assentado, citado acima, complementa: "Se a gente não trabalha a gente não consegue, eu pelo menos não consigo ter vida, se não tiver o trabalho".

Fazendo parte da construção de vida, o trabalho contribui na formação e na emancipação do seres sociais. Encontramos essa idéia na fala do Assentado n. 09, quarenta e cinco anos, "o trabalho é o que forma a gente, o que faz a gente assim, ... importante, porque sem o trabalho eu acho que eu não, nem se queria bem, e o trabalho a gente deve gostar daquilo que a gente faz". Retomando a reflexão, o trabalho é parte do ser social, ele é o seu trabalho, portanto pode levar o homem e a mulher a emancipação humana.

A questão do trabalho como liberdade só pode ser vivida na dimensão concreta, uma vez que se refere a um trabalho dotado de sentido. "Ah, eu acho que é uma liberdade total, muito bom aqui... eu prefiro, lá fora tu tem o teu dinheirinho toda a semana, mas não é teu, e não dá pra tudo, sempre tá faltando algo pra ti, não existe, só se é bem, ganha muito bem" (Assentada n. 01, 49 anos).

É preciso insistir que o ser social não se sente alheio ou estranho à produção, pois esta lhe é socialmente útil; portanto, proporciona liberdade, visto que nem ele (ser social trabalhador), nem o produto de seu trabalho, é propriedade de outra pessoa (patrão dono do capital e dos meios de produção).

Com base em tudo que foi discutido acima, a cerca da dimensão abstrata e concreta do trabalho e somando com o que nos informam as entrevistas, podemos interpretar algumas falas que nos indicam a dimensão concreta.

A situação né, que sempre trabalhava de empregado, por isso eu pensei bem antes de vim acampar, com o objetivo de, já que vinha na luta é tentar pra mudar de vida, que hoje trabalhar a gente trabalha igual, faz a mesma coisa do tempo de empregado, mas tu não é mandado por um patrão, e não tá enchendo o bolso de outro, trabalhar pra gente, que empregado só trabalha para os outros, e temos só pra comer (Assentado n. 11, 45 anos).

Há essa visão dos assentados sobre o trabalho e sobre a apropriação dele, eles sabem que o produto do trabalho é de todos e não apenas de um, não deve gerar riquezas para os outros, ou esta sendo fruto da exploração de alguém. Esse é um dos pontos principais que encontramos naquelas falas, nelas percebemos uma dimensão concreta.

Alguns assentados relataram algumas tentativas de "trabalhar como autônomo", em negócios próprios, antes de tornar-se MST. Entretanto, os próprios assentados reconheceram a dificuldade de levar adiante esse tipo de trabalho, por não possuírem o capital necessário.

No início que a gente casou, ele era do quartel, e aí a gente vivia bem, muito bem, e daí ele saiu, a gente procurou, procurou ficar, montar um negócio assim que nós tinha uma indústria pequena, uma fábrica de batatinhas fritas e todo o pequeno, assim na cidade, vende pouco e a gente tinha que pagar aluguel, água e luz e tudo, porque nada é da gente e daí, optemos por ir com

o resto mesmo, porque ele tem o pai dele que é assentado (Assentada n. 03, 27 anos).

Outro aspecto a considerarmos, talvez as iniciativas anteriores tenham sido feitas no intuito de serem/terem o seu próprio trabalho, de não sofrerem um processo de exploração. Porém, a "situação", como afirmou o Assentado n. 11, vem a ser um dos motivos pelos quais desistiram de tentativas individuais.

Daí foi mudando, foi mudando um pouco esse pensamento de trabalhar de empregado, eu nunca, desde pequeno, uma das coisas que eu acho que aprendi de família, que o pai ensinava muito e a mãe também, os próprios parentes, que nunca a gente querer sempre só empregado, ou viver dependente de alguém, sempre que ensinavam a ser independente, querer sempre alguma coisa que a gente mesmo fosse administrar, não que fosse administrado por alguém, sempre querer alguma coisa assim e eu colocava aquilo na cabeça e aprendi com isso e daí eu, na eletrônica, nós..., nós pensamos em abrir um negócio próprio (Assentado n. 07, 32 anos).

Ser dono do produto de seu trabalho era e é o desejo de muitos assentados e assentadas, isso é ressaltado em várias falas. Para ter a liberdade necessária e não sofrer nenhum processo de exploração. A rotina sofrida por aqueles e aquelas que tiveram experiências com a dimensão abstrata de trabalho é viva na memória.

Antes era uma rotina, eu principalmente não gosto de rotina e, antigamente, antes era a rotina. Tu saía de manhã cedo de casa, ia pro serviço, voltava ao meio-dia, e almoçava e já saía correndo de novo; na verdade, não tinha tempo pra nada, pra conversar, pros amigos, pra se divertir e tinha o teu salário ali, tu tinha que te virar em dez pra poder dar pra pagar luz, pagar água, fazer alimentação, comprar roupa e, hoje, tá pra mim, hoje tá melhor, apesar de nós não tá tendo ainda uma renda mensal aqui no grupo; mas, por outro lado, a gente tem (tudo), alimentação, tem material de higiene, tem tudo na verdade, e a gente tem tempo no serviço de conversar, de trocar idéias com os companheiros que a gente trabalha que antes não dava, o patrão te pegava conversando, as vezes falava, a gente aqui pode, sei lá, várias coisas que antes não podia fazer e, hoje, a gente tem liberdade vamos dizer assim (Assentado n. 13, 26 anos).

Pelas falas e pelas reflexões dos assentados, podemos perceber que eles e elas têm clareza do que significam as duas formas de trabalho; como e quando elas se manifestaram em suas vidas; de que modo essas formas de trabalho implicam nas questões da apropriação do produto do trabalho, da liberdade, da emancipação.

Tempo de trabalho

"Não apenas quando ganha dinheiro, mas também quando o gasta o homem capitalista é um trabalhador. A ditadura do tempo abstrato também ocupou o lazer¹⁵".

Vivenciamos, nos dias atuais, a constante dualidade entre os espaços sociais, devido à

separação ocorrida na organização social de nossas vidas. O tempo e, conseqüentemente, a sua organização também têm sido fundamentais nessa discussão.

Ao percorrermos a história, podemos verificar o quanto fomos nos separando, compartimentalizando a nossa vida. Um dos primeiros passos que nos separaram foi a propriedade privada; mais tarde, o uso da mão-de-obra escrava, quando alguns homens e mulheres foram forçados a trabalhar para outros; depois, a separação entre o trabalho intelectual e o trabalho manual.

Nessa constante separação, a vida foi se tornando cada vez mais abstrata e experimentamos, também, a divisão entre o capital e o resto da vida. Dessa forma, o tempo tornou-se abstrato, assim sendo, dissociaram-se trabalho e moradia, trabalho e vida íntima, trabalho e cultura, etc. Foi dessa forma que também surgiu a moderna separação e o dualismo entre trabalho e lazer¹⁵.

Esse processo dual foi potencializado pela Revolução Industrial, quando os trabalhadores foram submetidos a extensas e concentradas jornadas de trabalho. O tempo livre foi sendo inculcado como o tempo que sobrava dessa longa jornada de trabalho, tempo da inutilidade, algo sem importância, importante mesmo era o trabalho.

Conforme afirma¹⁵, nas sociedades agrárias e pré-modernas, essa separação rigorosa entre as esferas da vida, como o trabalho e o lazer, era absolutamente impossível. A finalidade da produção não era um fim abstrato em si, era também fruição e ócio, presentes nas atividades produtivas e, por isso, as jornadas de trabalho eram menores e menos concentradas.

Muitas vezes, essas jornadas eram reguladas pelas condições climáticas, que determinavam o tempo do trabalho. Outro fator importante na "nova" utilização do tempo foi a invenção da energia elétrica. Com ela, é possível permanecer trabalhando, com iluminação artificial, em horários nos quais antes não seria possível.

O tempo de trabalho que, antes, era pouco programado e fazia parte da totalidade da vida, pouco a pouco, vai se tornando calculado. Declara¹⁶ que não só o tempo de trabalho passou a ser controlado, previsto e organizado, mas também o tempo de lazer, que passou a ser preenchido, ocupado, programado.

Lafargue, no século XIX, foi um dos pioneiros a alertar que era necessária a redução da jornada de trabalho. O tempo de trabalho que gerava o excedente deveria ser eliminado. Marx reivindica o aumento do tempo livre pela inserção das tecnologias, ele sustenta a idéia de que as máquinas podem se tornar uma extensão dos membros dos homens e das mulheres e reduzir-lhes, assim, o trabalho pesado e degradante. Marx entende o tempo livre como o "*Reino da liberdade*", conquistado na redução da jornada de trabalho. Segundo¹⁶, nesse tempo liberado, as pessoas poderiam desfrutar mais da natureza, ler mais, relacionar-se mais com os outros e organizar-se para transformar a sociedade de forma a torná-la, realmente, um "*Reino da liberdade*".

Toma¹⁷ como fundamento para as observações da vida diária dos trabalhadores do seu estudo, o que¹⁸ categoriza a respeito do tempo. Para esse autor, o cotidiano é manipulado pela organização controlada do uso do tempo. Assim, existem segundo ele o *tempo obrigado* (trabalho profissional), *tempo livre* (ócio, lazer) e o *tempo forçado* (gasto em transporte, gestões, formalidades).

A partir dessa análise, podemos afirmar que o tempo e o seu emprego é fruto da organização social; já sua dualidade como tempo de trabalho e tempo de não trabalho se caracteriza a partir da sociedade capitalista e da vigência do trabalho abstrato.

Tempo de trabalho no assentamento

Antes de caracterizarmos, especificamente, o tempo de trabalho no assentamento,

tentaremos explicar a organização dos espaços e dos tempos sociais nele.

Como forma de organização, há a Assembléia que é aberta a todos os que dela participam, como órgão máximo para as deliberações relativas a todas as atividades do assentamento. As discussões são encaminhadas a ela e nela são votadas. Depois da coordenação, vem os núcleos de discussão política que visam discutir e encaminhar propostas para a assembléia. Cada núcleo é identificado pelo nome de um lutador ou lutadora que foi representativo significativo para o grupo. Sobre a organização do assentamento:

Hoje, ele tá organizado nos núcleos de base que é [...] dividido em três núcleos, todas as pessoas participam de um núcleo que fazem as discussão política e tomam as decisão. Cada núcleo tem um nome que resgata um lutador e tem os setores de trabalho que são mais pra execução das discussões, mais na questão de trabalho mesmo que faz essa discussão mais no, mais relacionado ao trabalho mesmo que é os setores produtivos. Discussão política que envolve tudo daí, [...] na verdade, a decisão final é em plenária ou assembléia, que nem tu viu hoje. Os núcleos têm autonomia de discutir e, as vezes é encaminhado direto, quando a proposta vai única pra todos os núcleos... (Assentado n. 12, 30 anos).

Os setores de produção são responsáveis por dar conta do que é necessário produzir. Existe assim, o de animais, horta, lavoura e construção. Cada assentado participa de um setor, discute em um núcleo, delibera no coletivo da assembléia e pode ainda assumir funções na coordenação ou nos núcleos e setores.

Todas as funções são discutidas e podem ser modificadas de acordo com o que é discutido. Isso destaca a onilateralidade⁵ presente nessa visão/organização do tempo de trabalho, diferenciando-se da unilateralidade tão presente no trabalho abstrato. É interessante ressaltar que as pessoas que assumem funções de coordenação não ocupam "cargos de comando", pois continuam ligadas ao seu setor de produção.

E nós encaramos assim como tarefa, ninguém vai ser um administrador a vida toda no assentamento. São tarefas e alguns períodos, hoje, eu to na administração, mas eu já fui da horta; amanhã, eu vou ser dos animais. Da construção eu fui, então quer dizer, são períodos, são fases que você assume determinadas tarefas e isso também é importante no assentamento, pra que desenvolva melhor é assim, e eu não vejo essa divisão, essa que uns são pensadores e são coordenadores (Assentado n. 12, 30 anos).

A moradia é formada por uma agrovila, onde as casas são dispostas em uma meia lua, uma ao lado da outra. Cada família deverá, assim, possuir a sua própria casa. Existia ainda um refeitório coletivo que, atualmente, está sendo transformado em sala de leitura, nesta acontecem as assembléias.

Na frente das casas da agrovila, foi projetado um espaço social, que deverá conter, entre outras coisas, um campo de futebol. O que existe hoje é a ciranda infantil⁶. Já foram construídas

⁵ A onilateralidade foi apontada inicialmente por Marx e é recentemente discutida por MANACORDA, M. A. Marx e a pedagogia moderna. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991

⁶ Espaço destinado às crianças de 0 a 6 anos, "este espaço, além de criar condições para a participação das mulheres no processo produtivo do assentamento, também proporciona espaços de socialização e educação coletiva para as crianças pequenas". Caderno de cooperação agrícola n.

uma cancha de bocha e uma quadra de vôlei, mas que hoje não têm sido muito utilizados.

Cancha de bocha, jogo de bolão, tudo essas coisas assim, esse é um pensamento que eu pra mim eu gostaria que tivesse aqui, e tem a cancha de bocha aqui, tá meio abandonada, mas são coisas assim que também vai se terminando os materiais, a gente usou bastante todo mundo jogava e foi quebrando, coisas assim, só que a gente foi paralisando um pouco isso, por causa de todos os trabalhos que o assentamento novo inicial tem, um montão de coisa pra ti fazer e daí... (Assentado n. 07, 32 anos).

É, na verdade, assim foi uma coisa pensada, mas a questão do núcleo habitacional, mas meio que projetado pelo espaço que se tinha aqui, então foi projetado, não era bem isso que o grupo queria, mas o espaço era esse então teve que ser adaptado ao espaço e a idéia é que então as casas fossem uma do lado da outras, mas [...] e que tivesse a área social no meio, campo de futebol, quadra de areia, tudo, toda projetada, não chegou a ver as plantas não? tem planta de tudo, tem planta de arborização, nós que desenhamos e fomos assessorados com alguns estagiários da universidade federal. Estagiários na prefeitura e arquiteto e engenheiro, quer dizer, várias pessoas ajudaram já de uma forma ou de outra nesse estágio que se encontra hoje, tranquilo, e aí tem ciranda infantil, cancha de bocha, campo de futebol, tudo pensado aqui dentro (Assentado n. 12, 30 anos).

O tempo de trabalho, no assentamento, é caracterizado no momento em que cada um assume sua tarefa de trabalho dentro do seu setor de produção. Existe ainda uma pessoa designada para o trabalho com a ciranda e outra na secretaria do assentamento.

Quanto ao tempo de trabalho e quanto à assiduidade, e embora não exista um ponto para ser marcado, os entrevistados afirmaram possuir um tempo de oito horas diárias, sendo diferenciados os tempos de início e de fim da jornada de trabalho. Esse tempo também pode variar de acordo com as condições climáticas. Mesmo existindo esse horário de trabalho, os assentados afirmam que não se sentem presos a ele.

Tenho, nós mais ou menos, nós se controlamos, não tem horário 100% certo, mas assim, no nosso setor, às vezes o coordenador que nem eu, claro hoje ele não tá, pega um pouco antes, mas o meu horário hoje é sete horas e paro as onze, e pra fechar as oito horas certa daria as quatro horas, mas daí paro antes, porque eu tenho que fazer outra coisinhas, mas não tem assim um horário exato, que as vezes começa mais cedo, um pouquinho de tarde, para mais tarde, depende do serviço, que nem hoje o meu paramo mais cedo, tivemos o serviço mais adiantado... (Assentado n. 11, 45 anos).

A concepção do tempo de não trabalho no/do MST

O Movimento Sem Terra busca, em todas as suas ações, a dimensão de projeto. Projeto que objetiva a reforma agrária, mas entende necessário que todas as atividades do Movimento mantenham os mesmos princípios, para a busca de uma nova sociedade.

10. **O que levar em conta para a organização do assentamento:** a discussão no acampamento. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST e Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil LTDA - Concrab

Sendo assim, todas as vezes que procuramos nos aprofundar na concepção do tempo de não trabalho, inclusive para utilizá-la em nossa prática pedagógica, encontramos dificuldades em focalizar esse tema de maneira mais aprofundada, todos os enfoques remetem à cultura de uma maneira geral. Contudo, a palavra lazer sempre é citada em documentos; nas publicações do Movimento, ela sempre aparece, mesmo que de maneira superficial ou como citação. Dessa forma, há o reconhecimento de sua importância, mas sem uma sistematização capaz de dar conta, ou de uma instrumentalização que vise a futuras práticas sociais. A exemplo do que ocorre com tantos cadernos de formação que o Movimento tem lançado, não nos foi possível, até o presente momento, encontrar algum que contemplasse o tempo livre, o lazer, ou o tempo de não trabalho.

Vamos, então, destacar alguns autores ou documentos nos quais é possível encontrar referências ao lazer. Encontramos em¹¹, *A reforma agrária necessária, a proposta do MST*: no item oito, diz respeito ao Desenvolvimento Social o autor observa que, onde “o desenvolvimento da produção agropecuária e agroindustrial deverá ser acompanhado por um amplo programa de atendimento social, por parte do Estado, que garanta os direitos de toda a população do interior”.

Após esse item, aparecem várias citações com relação à educação e a seguir o item que nos interessa: “um programa massivo de cultura e lazer que represente a democratização e o acesso à cultura e a todos os trabalhadores do meio rural”. Termina o documento ressaltando que, para tornar esse programa realidade, são necessárias a mobilização popular e a ação do Estado Democrático e Popular.

No caderno de cooperação agrícola n. 10, já citado anteriormente _ele procura instrumentalizar as discussões dos Sem Terra, ainda no acampamento, acerca do futuro assentamento, não encontramos pontos específicos sobre o lazer, mas sobre uma organização dos espaços a serem utilizados futuramente; sempre os salientando como espaços que deverão fortalecer os princípios da convivência e da participação social, dando assim a idéia de grande importância a essa área dentro dos assentamentos.

Essas áreas, geralmente, encontram-se no centro do núcleo habitacional, como é o caso do assentamento de nosso estudo, às vezes, são construídas nas extremidades do assentamento, tais como a constituição desse espaço: “... um local para reuniões e festas, para um pequeno galpão para a armazenagem de produtos agrícolas, para o esporte. Se houver um número de crianças suficiente, organizar também a escola e, se necessário, organizar um espaço para a celebração religiosa” (p. 13).

O texto ressalta também a importância da ampliação desses espaços iniciais; com isso, força uma reflexão que permite a todos projetarem o conjunto do assentamento e a partir daí, o convívio entre as famílias. Além disso, cria-se uma mística em torno dessas futuras conquistas, facilitando a luta ser travada.

Tudo deverá ser planejado em conjunto, inclusive a área para discutir, para se encontrar, para celebrar. Os parques infantis, construídos de madeira e pneus, também são citados como relevantes, a fim de que as crianças possam desenvolver plenamente a sua coordenação motora e a percepção do seu corpo. Outros espaços são citados como básicos: um local para reunião, uma pracinha junto à igreja da comunidade, onde se tenha uma quadra de futebol de salão e um bonito jardim.

No item *As Manifestações Artísticas e Culturais*, é chamada a atenção dos futuros assentados para o cuidado com essas questões. Há uma referência a um “cemitério”, ou seja, determinados assentamentos, com o passar dos anos, podem vir a ser um local parado, onde pouco se converse, conviva e se divirta. Quem mais sofreria com isso seria a juventude e as mulheres.

Encontramos indícios do que foi citado, nas entrevistas, como a da Assentada n. 01, 49

anos, "Acho que tinha que ter assim mais pra se reunir, principalmente as mulheres e também os homens se quiser, seria importante pra nós, até pra gente se entender mais e conhecer, se conhecer melhor, porque eu vim pra cá assim, do trabalho pra casa, ou reunião de setor".

Em outro ponto da entrevista, a assentada volta a citar o convívio como algo a ser mais praticado: "A mulher tem que se cuidar mais, até conversar mais uma com a outra, é muito bom, tu tem um problema, aquele probleminha já passa, e a gente tem...". Muitas vezes, mesmo com as construções visando a convivência e o coletivo isso não se concretiza, é preciso algo que seja mais sistematizado e fruto de uma discussão ampla.

Em outro ponto do mesmo documento, gostaríamos de destacar a menção a um dos conteúdos do lazer dos mais discutidos dentro da Educação Física. No item sobre a *Formação como Método de Acompanhamento e Qualificação da Consciência*, o MST propõe a formação por meio de cursos, entre estes, cita: "... habilidades para a promoção do esporte e promoção da cultura. Enfim, um curso que combine atividades de estudo, práticas de campo e convívio com a comunidade; curso que, ao longo de um ou dois anos, adquira-se tais habilidades transformando-se no nosso futuro 'Técnicos de Pés no Chão'" (p. 18).

Encontramos também essa mesma preocupação em um outro material⁷ (folheto), utilizado como material base da discussão no trabalho de frente de massas. No tema que trata "*Reforma Agrária de Verdade é*", entre outros itens, dois se destacam por eleger o tema de nosso estudo. No primeiro, Infraestrutura: estradas, energia elétrica, redes de água, escola, postos de saúde, centros comunitários, campos de futebol, áreas para jogos e lazer. Há, aqui, uma referência ao lazer; no segundo, melhoria das condições de vida: moradia, educação, saúde, acesso à cultura, lazer. Aqui também aparece lazer, ou seja aspectos relacionados ao lazer aparecem nesses dois itens como parte de uma reforma agrária de verdade.

Vamos encontrar, no caderno de formação⁸ n. 18, não de maneira direta, uma referência ao lazer dentro da parte dedicada à Educação Física; ela aparece após uma série de questões citadas para a discussão coletiva, tal como: "A escola deve se preocupar com a pessoa integral". Logo abaixo, a seguinte questão: "a escola, no assentamento, tem se preocupado em fazer atividades ligadas à saúde e à educação física?".

A concepção de tempo de não trabalho dos assentados

A fim de termos uma melhor compreensão do tempo de não trabalho dos assentados, estruturaremos da seguinte maneira este estudo: primeiramente, exporemos aquilo que os assentados pensam sobre o tempo de não trabalho, fazendo uma análise desses entendimentos; em segundo lugar, analisaremos aquilo que os assentados dizem fazer nos momentos em que não estão trabalhando.

Considerando, hoje, os dizeres dos assentados durante as entrevistas, é possível afirmar que o tempo de não trabalho é o tempo em que não estão trabalhando; tudo que fazem fora do horário de trabalho obrigatório, fazem no tempo de não trabalho. Entretanto, gostaríamos de salientar que poucas foram as pessoas que, durante a entrevista, referiram-se ao tempo de não trabalho como uma compensação para o trabalho, ou simplesmente como um momento de descanso, ou de reposição das energias gastas no trabalho.

A partir do que foi observado no trabalho de campo, pelas conversas informais, fica evidente que a atividade principal é o trabalho. Por intermédio do trabalho, os assentados

⁷ Reforma Agrária Agora Sai. Via Campesina – Brasil. MMTR – CPT – FEAB – MAB – MPA – MST - PJR

⁸ Caderno de Formação n.18, "O que queremos com as escolas dos assentamentos", Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST, 3^o edição, março de 1999.

acreditam que irão seguir realizando as conquistas históricas propostas pelo MST, todos declararam isso nas entrevistas.

Embora haja tal reconhecimento em relação ao trabalho, há um entendimento de que talvez esse mesmo trabalho que realiza, produz valores de uso e concretiza sonhos, esteja sendo levado a um certo exagero; ou, então, que esteja sendo o momento totalizador e o totalizante na vida do trabalhadores do assentamento.

Sabemos que os assentados têm produzido somente aquilo que é socialmente útil dentro do assentamento, porque até o excedente do comercializado retorna em produtos necessários que não são produzidos pelos assentados. Ou seja, não há sobras, não há lucros a serem divididos, e a meta é que eles cheguem a isso.

Todos querem ter o seu dinheiro, talvez esse seja o fator que alimenta o trabalho a ser instrumento totalizante na vida dos assentados; porém, todos sabem que, da maneira como se estão produzindo, ou seja, com pouco uso de tecnologias, essa é uma meta a longo prazo.

Em face disso, o tempo livre é caracterizado como o de não trabalho; portanto, aquele tempo quando não estão trabalhando durante a semana, aos sábados à tarde e os domingos.

Outro reconhecimento, nas falas, é a dificuldade encontrada nas relações humanas. A proposta de assentamento coletivo; vai contra a maneira como hoje, a sociedade se organiza, cada vez mais individual, e não há como negar que muitos assentados possuem uma herança cultural, um modo de viver anterior ao surgimento do MST em suas vidas. Conseqüentemente, isso afeta a dificuldade que encontram em tentativas, já feitas, de sistematizar propostas práticas de atividades no tempo de não trabalho.

Justamente por isso, e isso eu acho que a gente tem que procurar entender, eu não consegui direito ainda, porque eu também não paro muito pra pensar; mas, na verdade, como é tudo coletivo, quase toda a vida ficou coletiva; então, fim de semana que as pessoas não têm plantão, então elas se recolhem mais em casa; à noite se recolhem mais em casa ficam mais pra si, para sua família, porque o trabalho é coletivo, as discussões são coletivas, as definições são coletivas, então eu acho que isso vai meio que cansando também (Assentada n. 02).

Sobre os momentos de lazer, que foram organizados algum tempo atrás, a Assentada n. 02 nos dá alguns indícios de como eram:

Era assim, a gente comemorava os aniversários das pessoas; mas, na época, tinha bem mais gente no grupo. Sei lá se tinha mais gente que puxava ou era diferente, quando era cerca de um ano atrás, a gente comemorava os aniversários, aí fazia uma pipoca, um mate doce, algumas coisas que a gente faz. Em São João, foi feita a última atividade. Têm algumas datas assim que a gente pega e faz, reúne o povo, às vezes, vem gente de fora. No dia das mães, eu acho que foi, foi na Páscoa, veio o Antônio Gringo a Regina, são amigos dá pra dizer assim, não têm topete de artista, são gente muito simples, gente boa, vieram pra ajudar a animar o povo, mas o povo parece que não é muito receptivo Carine, eu também fazia parte da equipe de cultura, a gente até puxava. Daí, quando tu sente que o povo tá meio cansado, tá meio sem graça, daí não adianta tu ficar cutucando defunto, por isso que eu e o Mário também, às vezes, se estende mais, porque nós temos

mais afinidades nesse sentido, tipo a Assentada n.06 e o Assentado n. 07. Quem gosta né, eu, por exemplo, eu estava avaliando isso, pouco eu vou passear na casa de alguém, também por causa disso. É eu vou muito pouco passear na casa dos outros. No início, se a gente vai é só com uma ou outra pessoa, é aquilo que eu já te falava antes, com quem a gente tem mais afinidade, você vai, sei lá (também isso é normal eu acho assim). E eu gosto de escutar, nós gostamos bastante de escutar música, mas não música babaca, música é fundamental na nossa vida também, porque eu tento sempre buscar coisas assim que dê mais ânimo, mais esperança que, às vezes, a gente também cai lá embaixo... É, teve o que umas épocas que foi puxado mais esportes, jogar vôlei sábado à tarde, domingo e, agora, acabou mais. Nem percebi mais também".

A partir do momento em que a organização do trabalho material não permite o tempo do não trabalho, temos o trabalho na visão capitalista: abstrato, para a qual, o tempo de não trabalho é apenas um tempo de descanso. Por isso, é necessário que se encaminhe novamente a discussão desses espaços, porque um tempo de não trabalho dotado de sentido também é o que se busca em uma sociedade mais justa.

O que os assentados fazem no tempo de não trabalho

Sobre o fazer dos assentados, no tempo de não trabalho, procuramos focar o dito nas entrevistas que se referem a tal tempo.

É preciso discutir, a partir das respostas deles, quais as especificidades desses momentos, para compreender se eles estão se referindo apenas a uma compensação, ou a um descanso para uma nova jornada de trabalho. Ainda entender se, em alguns momentos, essa apropriação do tempo de não trabalho também significa um avanço na luta histórica dos trabalhadores, inclusive nas questões de gênero.

Conforme percebemos na fala da Assentada n. 05, quando ela se refere ao espaço reservado para a assembléia. Talvez o que ela afirma não seja apenas por uma questão dos homens, mas porque as mulheres não sistematizaram no sentido de avançar quanto às relações de gênero. Esse é o espaço para deliberar, se não for feito isso, como avançar? "... Mas eu já questionei só pro (Marido), porque eu não consigo falar muito nas reuniões, [...] já que as pessoas tão muito carente, são muito pobres de tudo, os que vêm no Movimento tem alguma falha assim".

Algumas referências nas questões de gênero indicam que existe uma apropriação desigual do tempo de não trabalho pelos homens e pelas mulheres. As mulheres dispõem de menos tempo de não trabalho, porque em nossa cultura, praticamente, só a ela cabe o cuidado com o lar e com os filhos, além da jornada de trabalho fora de casa.

O espaço de atuação é reduzido, porque muitas mulheres não têm permissão dos pais e, depois, dos maridos para levarem adiante seus projetos. Assim, à mulher cabe o espaço doméstico sem muitas possibilidades de emancipação. Convém notar que o tempo de não trabalho para a mulher e seu espaço de atuação são menores e diferentes do tempo e do espaço do homem, também nesta sociedade focada.

Eu não estudei, eu consegui estudar até a quarta série. Daí isso sempre foi um negócio que eu não gostava muito, ninguém estudou na minha família, então, eu também não poderia. Só que já era diferente (tu já trabalhava?),

não até que não era tanto, era mais por causa desse negócio de gênero mesmo, de segurar a guria em casa, essas coisas todas e também não oferecia muitas condições e aí isso eu não gostava muito da idéia e aí, então, eu fazia supletivo (Assentada n. 02).

Há também algumas afirmações que queremos destacar, referentes à cultura MST, enquanto tempo de não trabalho, que podem ser consideradas específicas dos militantes desse Movimento. É preciso ter uma compreensão da totalidade da vida e da cultura MST, pois não é possível entender esses espaços culturais e o tempo de não trabalho separadamente. Dentre tais afirmações, há a declaração deles de que gostam muito de participar de mobilizações e apoiar outros movimentos em manifestações, como uma possibilidade de mudar o cotidiano. São afirmações que não encontramos em outras citações do tempo de não trabalho. "... É bom sair de casa, a gente se distrai um pouco, sai um pouco da rotina do trabalho. Quando a gente participa de protesto, ajuda outros movimentos, quando pede ajuda" (Assentado n. 04, 44 anos).

Uma rotina, talvez uma rotina, mas assim a luta é diferente um pouco o pessoal talvez, [...] talvez como um lazer. É quando você tem a oportunidade de ir para uma mobilização, como aconteceu alguns dias, (porque muda a rotina), muda a rotina, daí você encontra amigos, conversa bastante. [...] Eu gosto muito disso e a maioria do pessoal aqui também gosta. Você sai e certamente vou encontrar alguém lá, então o pessoal já vai com uma certa expectativa que o pessoal gosta de ir (Assentado n. 14, 33 anos).

Existem afirmações que nos levam a analisar que não há uma preocupação, na atualidade, com os espaços destinados a dar conta do tempo de não trabalho, tanto para a discussão quanto para a sistematização das práticas sociais.

... Mas, quando eu não trabalho, porque a gente também cansa, eu não tenho mais, não faço as tarefas de casa, eu fico mais é a toa mesmo, eu to tentando ler, mas eu não consigo, verdade. Às vezes, à noite, quando eu tenho um tempinho, se eu não vou dormir cedo, a gente geralmente vai dormir cedo agora no inverno, tem que acordar mais cedo, levar a Iara pra ciranda e tal, eu tento ler, to lendo um pedacinho de um livro lá. Vamos ver até onde que eu vou, tomara que eu consiga ler, to com um calhamaço lá para ler; mas lazer, lazer mesmo não é uma negação, porque a gente também não cria as oportunidades (Assentada n. 02).

O que gostariam de fazer no tempo de não trabalho

Se traçarmos uma retrospectiva, baseada em todas as falas das entrevistas, poderemos notar que, apesar de toda a proposta de um assentamento coletivo, as assentadas e os assentados gostariam de ter mais convivência. Eles sentem falta de uma convivência maior tanto dentro do assentamento, quanto com seus familiares residentes em outras cidades. Hoje, no espaço e no tempo histórico de nossa investigação, fica evidente o problema de interação entre os assentados. "Ah, eu acho que a gente tinha que sair um pouco, passear com a família, ou fazer um grupinho e ficar. Combinar algumas coisas. Eu gosto de alguma atividade fora, eu gosto" (Assentada n. 01,

49 anos).

Apesar de ser coletivo o assentamento, não há espaços de interação fora do tempo de trabalho, o que vai refletir nas "relações humanas", termo utilizado pelos sujeitos do estudo. As mulheres manifestaram, com mais frequência, essa necessidade, se referindo a espaços que já aconteceram. Com isso, fica evidente que os espaços do tempo de não trabalho se caracterizam mais como aqueles usufruídos em seus lares.

Complicado isso, eu nem sei, não é isso aí, é complicado. Eu queria ter mais tempo, talvez até mais tempo pra ficar em casa mesmo, que eu não tenho tido isso; mas só que, por outro lado, eu fico pensando bobagens. Daí eu pego e se forno em casa, continuo em casa fazendo tarefas, tarefas e tarefas e tarefas. Eu queria talvez sair mais, sabe? Participar talvez mais do Movimento, mas a minha estrutura familiar não me permite isso e nem o grupo agora. Já permitiu porque eu estava em determinada tarefa, é melhor deixar quieto (Assentada n. 02).

Alguns homens referiram a pescaria como uma possibilidade no tempo de não trabalho. Hoje, o espaço do final de semana esta estruturado para o descanso, é o tempo livre que os assentados dispõem. Embora eles e elas reconheçam que há necessidade de discussão desse tema.

Além dos levantados como opções que caracterizam a cultura do grupo, é referido, ainda, um isolamento do assentamento em relação a outros assentamentos. Alguns assentados afirmam que não há outros assentamentos por perto; outros, afirmam que, por ser um assentamento pequeno e coletivo, fica mais difícil a sistematização do tempo de não trabalho dentro dele.

Donos do Tempo

No ato mesmo da mediação – no qual da animalidade nasce o humano e o desejo animal se transforma em desejo humanizado, desejo do desejo, isto é, reconhecimento – se forma também a tridimensionalidade do tempo humano: só um ser que, no trabalho, supere o niilismo do desejo animal, descobre o futuro como dimensão do próprio ser, no próprio ato em que se domina e se contém. No trabalho e por meio do trabalho, o homem domina o tempo (enquanto o animal é dominado pelo tempo), pois um ser que é capaz de resistir a uma imediata satisfação do desejo e a contê-lo 'ativamente' faz do presente uma função do futuro, se serve do passado, isto é, descobre, no seu agir, a tridimensionalidade do tempo como dimensão do seu ser¹⁹ (p. 183).

Ser dono do seu tempo, poder intervir e decidir, satisfazer o desejo e contê-lo -como nas palavras de Karel Kosik -, poder conduzir a tridimensionalidade do tempo, são possibilidades que o homem e a mulher têm e que os difere do animal. E ainda, ser capaz de resistir e fazer uma escolha consciente. Entendemos que essas também são características presentes no Movimento Sem Terra, aliadas nas estratégias de luta e na dimensão de projeto.

Por acreditarmos que esse seria um assentamento onde haveria a possibilidade de encontrar donos do tempo, elegemos este estudo. Agora, é necessário uma a volta ao ponto de partida, já que é preciso retomar e apontar as novas sínteses, que são e não são mais as mesmas.

Apesar de termos consciência da provisoriedade do conhecimento que, neste trabalho possa existir, queremos reafirmar que a resistência a um modelo social de todos os Movimentos que pretendem travar tal embate, passa não só pelo tempo de trabalho, mas também pelo de não trabalho, tempo em que as pessoas não estão trabalhando.

É pertinente salientar que tão revolucionário como pode ser o trabalho na mudança e na resistência ao modelo capitalista, também pode ser o que é feito fora do trabalho. Não estamos, nos referindo a um trabalho como o que se apresenta hoje, como se a única possibilidade de satisfação das necessidades das pessoas estivesse nesse modelo. Estamos falando e lutando por um trabalho dotado de sentido, que pode ser uma das estruturas para a mudança, visto que acreditamos que ela é possível. É de mudança que queremos falar, é da necessidade de transformar, é de tudo o que, na luta, for possível construir para alcançar a possibilidade de melhorar o trabalho.

Cabe dizer que nos negamos a acreditar no fim da história e na falta de historicidade em nossas análises, já que podemos pensar em um tempo de trabalho e um tempo de não trabalho, que não seja o modelo existente hoje.

É preciso lutar por novas formas sociais de tempo de trabalho e não acreditar que o trabalho não é mais um tema relevante a ser discutido, não é mais uma categoria de transformação. O tempo de trabalho não pode ser deixado de lado para que seja pensado apenas o tempo de não trabalho, como se esse fosse a única possibilidade real. Não significa dizer que, devido a avanços tecnológicos estamos em outro tempo e em outro discurso e que as questões sociais relevantes a humanidade, estão todas resolvidas, se não avançamos nem para garantir a sobrevivência da grande maioria da população.

É forçoso acreditar sim nessas possibilidades, mas não vemos nelas a discussão ou a preocupação em mudar não só a exploração do homem pelo homem, mas também a apropriação desigual do tempo de trabalho e do tempo de não trabalho. Não vemos a possibilidade de existir um tempo de não trabalho diferente, ou "melhor", que possa "solucionar", ou "emancipar", o ser humano e que esteja ligado a um tempo de trabalho como o que, hoje, se apresenta na sociedade capitalista.

A Educação Física, como área de conhecimento, pode contribuir nessa discussão, se se propuser a visualizar a totalidade da prática social, tal como a formação que pretende o Movimento Sem Terra.

Eu acho que assim, na verdade, o Movimento tem que trabalhar muito essa questão. É muito importante pessoas, assim como você, a puxar essa discussão, a pesquisar e a tentar começar a propor alguma coisa, porque eu acho que a gente tem que se preocupar um pouco mais na questão do lazer, porque eu vejo que é, eu deveria, na verdade, de se desenvolver junto com a questão de própria organicidade do assentamento. [...] Eu diria, a gente se preocupa assim, ah tem que resolver o problema da produção, mas não tá preocupado com o estado emocional das pessoas, como é que elas tão, se elas tão bem ou não, sei lá. É aquilo que tu falava antes, eu conversei com o fulano e tal, é isso, o trabalho não pode ser com sacrifício, então tem a hora do trabalho e a hora do lazer e isso tinha que ser respeitado; então, eu acho importante que isso seja discutido... algumas idéias podem orientar também algumas coisas assim, que são básicas e fáceis de organizar. Essa questão de lazer é que, às vezes, a gente acaba relaxando e tal, então é a mesma coisa. Como tem um técnico pra cuidar do sistema de produção, um agrônomo,

poderia ter uma pessoa que ajudasse a orientar, ajudasse a refletir, ajudasse a pensar pra construir essas questões do lazer, eu acho que é importante (Assentado n. 12, 30 anos).

Como este estudo entende o tempo de não trabalho e quais as próximas possibilidades?

O tempo é o campo do desenvolvimento humano. O homem que não dispõe de nenhum tempo livre, cuja vida, afora as interrupções puramente físicas do sono, das refeições, etc. Está toda ela absorvida pelo seu trabalho para o capitalista, é menos que uma besta de carga. É uma simples máquina, fisicamente destroçada e espiritualmente animalizada, para produzir riqueza alheia²⁰.

Como já afirmado, este estudo entende que a possibilidade de uma sistematização concreta do tempo de não trabalho está ligada a um tempo de trabalho dotado de sentido; necessariamente, a luta deve ser por esses dois tempos igualmente importantes na existência social. Valorizar apenas uma dessas duas dimensões de tempo, caracterizar qual é a mais importante ou prioritária, para ser "solucionada primeiro", a rigor, é entender o ser humano de maneira fragmentada e unilateral.

A partir dessa reflexão, vamos apontar algumas sugestões, a fim de iniciar a discussão sobre o tema. O ponto de partida, certamente, pode ser a reflexão e o interesse sobre o tema, a instrumentalização para as ações, que não sejam apenas citações, mas possibilidades concretas. A educação, tão valorizada dentro do Movimento, é um dos caminhos para o diálogo nas escolas dos assentamentos e fora delas; outro, são as formações que hoje pretendem a qualificação das futuras ações, publicando e recriando as experiências dos espaços do Movimento. Os assentados e assentadas do estudo demonstraram que sentem necessidade de discutir a questão, mas encontraram e continuam encontrando dificuldades nas tentativas realizadas e pararam nelas.

Mesmo nos documentos em que existem indícios de organização do tempo de não trabalho, é difícil acreditar que essa organização esteja aliada a um tempo de trabalho concreto.

Podemos afirmar que o trabalho hoje desenvolvido no assentamento, é concreto. Há vários indícios disso, por isso acreditamos que essa é uma possibilidade real, como aquelas que citamos ao longo do estudo. Entretanto, é preciso um tempo maior de dedicação ao tema e, também, de discussão da própria organização do tempo e dos objetivos a serem alcançados dentro do assentamento.

Isso demonstra que a formação deve ser constante, mesmo no assentamento, principalmente nele. No assentamento, percebemos a concretização daquilo que foi a luta de tantos meses, de tantos anos de acampamento.

No nosso estudo, foi difícil definir algumas categorias, mesmo nos baseando nas entrevistas e na observação durante trabalho de campo. Vários podem ser os motivos; é preciso não esquecer que existem divergências em algumas afirmações. Como exemplo, citamos que alguns afirmam que há mais tempo livre, mais liberdade; e outros, afirmam que não há quase tempo de não trabalho.

Apesar disso, ficou claro que, hoje, não existe uma organização do tempo de não trabalho, nem em termos de construção de espaços, nem em termos de discussão ou projetos. Outros assentamentos citados pelos assentados, já têm uma estrutura maior construída: salão, campo de futebol, cancha de bocha, bolão e, também eles realizam festas, danças, encontro entre famílias.

O fato de haver uma organização coletiva no assentamento, não garante um entrosamento

nas relações humanas, tanto dentro do trabalho como fora dele. Isso fica evidente nas entrevistas e, também, nas observações feitas. É preciso ampliar a discussão para compreender o sentido do *coletivo*.

Conforme algumas citações em entrevistas, as plenárias geralmente tratam só dos problemas referentes ao assentamento. Não estamos afirmando que assim seja, mas essa foi uma menção retirada das entrevistas. Nesse espaço das plenárias, é ainda difícil identificar a voz feminina.

Uma particularidade citada: pode ser considerada, como um tempo de não trabalho, a participação nas ações do Movimento. Várias citações se referem à participação nesses espaços como "sair da rotina", como um tempo prazeroso.

Na visão de projeto, em uma outra ordem social, de uma nova sociedade, socialista, como defende o MST, é preciso superar as situações de exclusão, tais como: preconceitos e diferenças de oportunidades entre homens e mulheres. Dentro do Movimento, já foram superadas várias dessas barreiras.

Agora, é preciso também discutir como isso acontece em relação à apropriação do tempo livre, ou seja, do tempo de não trabalho. É preciso perceber que tempo de não trabalho é tão importante quanto tempo de trabalho na organização tanto dos tempos quanto dos espaços sociais dos assentamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. **CALDART**, Roseli S. O MST e a formação do Sem-Terra: o movimento social como princípio educativo. In: GENTILE, Pablo & FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**. São Paulo: Cortez; CLACSO, 2001.
2. **ITERRA**, Cadernos do. Agenda de Pesquisa. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST (4ª versão). **O MST e a Pesquisa**, Ano I, n. 3, outubro de 2001.
3. **BOGO**, Ademar. **O MST e a cultura**. Caderno de Formação n. 34, 2. ed., 2000.
4. **CALDART**, Roseli Salette. **Pedagogia do MST: escola é mais do que escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
5. **FRIGOTTO**, Gaudêncio. Estruturas e sujeitos e os fundamentos da relação trabalho e educação. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; SANFELICE, José Luis. (Orgs.). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, HISTEBR, 2002.
6. **ANTUNES**, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 6. ed. São Paulo: Boitempo, 2003.
7. **MARX**, Karl. **Manuscritos econômicos e filosóficos**. Texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2003. (Coleção Obra prima de cada autor).
8. **OLIVEIRA**, Cristina Borges de. Reflexões acerca do lazer em suas diferentes dimensões: da proposta teórica à prática na universidade. **Anais do CONBRACE**, Goiania, 1997.
9. **MST**. Nossos valores. Reforma agrária: por um Brasil sem latifúndio. **Caderno do Educando**. Instituto Técnico de Capacitação e pesquisa da Reforma Agrária. PRONERA. Direção Nacional do MST, Setor de Educação do MST, Junho de 2000b. (Coleção “Pra soletrar a liberdade, 1).
10. **MST**. O que queremos com as escolas dos assentamentos. **Caderno de Formação n.18**, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST, 3. edição, março de 1999.
11. **MORISSAWA**, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
12. **MST**. Princípios da educação do MST. **Caderno 8º**. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Setor de Educação. 3. ed. Janeiro de 1996.
13. **MST**. **Construindo o caminho numa escola de assentamento do MST**. Coleção fazendo escola, n. 3, São Paulo, 2000a.

14. **ANTUNES**, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 2000.
15. **KURZ**, Robert. A ditadura do tempo abstrato. In: **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.
16. **PADILHA**, Valquiria. Se o trabalho é doença, o lazer é remédio. In: MULLER, Ademir & COSTA, Lamartine Pereira da (Orgs.). **Lazer e trabalho: um único ou múltiplos olhares?** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
17. **SOUZA**, Iracema Soares. **Tempo livre com lazer do trabalhador e a promessa de felicidade**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2002.
18. **LEFEBVRE**, Henri. La vida cotidiana em el mundo moderno. Madrid: Alianza, 1984. In: SOUZA, Iracema Soares. **Tempo livre com lazer do trabalhador e a promessa de felicidade**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2002.
19. **KOSIK**, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
20. **MAZZOTTI**, Tarso Bonilha. Educação da classe trabalhadora: Marx contra os pedagogos marxistas. Interface. **Comunic, Saúde e Educ.**, v. 9, n. 9, p. 51-61, 2001.

The non-working time in a ‘MST’*⁹ settlement

CHARÃO, Carine Marques¹⁰; Leães Filho, Wenceslau Virgílio¹¹

Abstract

Understanding, through the relation of working and non-working time, what the ‘MST’ workers do in their spare time, is the aim of this study. The discussion encompasses an agricultural/ecological and a collective settlement in the city of Santa Maria, in RS state, where interviews and observations have been taken in order to support this paper. Although there have not been conclusions about this theme we tried to expose some considerations so that the ‘MST’ workers can question themselves about their free time once they have not made them systematic yet in their social life. Those settled workers showed that they need to discuss about it but have faced many difficulties. We believe in constant workers’ formation, something which has been already made by the ‘MST’ movement. That’s why we state that it is necessary to publish what has been done. When aiming a new social order, a socialist one as defended by “MST”, it is imperative to overcome the exclusion situations, prejudices, and the differences in opportunities of men and women inside the own movement. It is also important to point out that many of these problems have already been solved. Now, it is also needed to discuss what happens in their free time at their non-working time. It is necessary to understand that the non-working time is as important as the working time when organizing the schedules and the social organizations in those ‘MST’ settlements.

Keywords: Non-working time, working, landless workers movement

⁹ MST – Brazilian movement of workers who do not have land to work in and live in settlements by the roads claiming for farming lands.

¹⁰ Author, Teacher state in Júlio de Castilhos na E.E.E.F. Joaquim José da Silva Xavier

¹¹ Supervisor , teacher assistant CEFD UFSM